Editor: José Carlos Vieira
josecarlos.df@dabr.com.br
cultura.df@dabr.com.br
3214-1178/3214-1179
Correio Braziliense
Brasília, quinta-feira, 25 de novembro de 2021

O PODER DA FAMÍLIA

AO **CORREIO**, O ATOR JOHN LEGUIZAMO FALA SOBRE A REPRESENTATIVIDADE DA ANIMAÇÃO *ENCANTO*, FILME DA DISNEY TODO AMBIENTADO NA AMÉRICA DO SUL E TALHADO POR TRADIÇÕES FAMILIARES. NOUTRO EXTREMO, *CASA GUCCI*, QUE TAMBÉM ESTREIA, VEM EMBALADO POR DISPUTA DE DINASTIA

» PEDRO IBARRA

Durante anos, os heróis, as princesas, os papéis principais das grandes histórias da animação eram personagens brancos, de origem europeia, ou animais. Aos poucos, o cinema foi abrindo espaço para que figuras como Tiana, a primeira princesa e protagonista negra, assumissem as telas da Disney. Assim, outras culturas foram apresentadas como a maori em *Moana* e a mexicana em *Viva — A vida é uma festa*. Porém as pessoas e a cultura da América do Sul ainda não tinham chegado às telas da produtora do Mickey Mouse. Esse fato muda hoje, com a chegada de *Encanto*, um das estreias da semana, ao lado de *Casa Gucci* (com Lady Gaga) e *Deserto particular*, filme nacional de trajetória bem-sucedida (leia críticas).

A animação apresenta a história da família Madrigal, moradores de uma vila protegida por montanhas na Colômbia, um espaço mágico que foi dado a eles após grande sacrifício de um antepassado. Todos da família, que vive em uma casa mágica, possuem habilidades especiais: superforça, audição além do alcance, controle da natureza e cura. Porém, a protagonista Mirabel é a única que não recebeu nenhum dom, mas também é a única capaz de ver que toda magia corre perigo. Dirigido por Jared Bush e Byron Howard, o filme conta com uma animação avançada, complexa e detalhada, além de músicas de Lin-Manuel Miranda, criador de *Hamilton*.

"Eu nunca seria capaz de imaginar que esse cenário aconteceria comigo, como chegar nesse ponto em que nós temos um filme sobre a Colômbia feito na mais alta qualidade de animação, com diretores do nível de Jared (Bush) e Byron (Howard) e as músicas com Lin-Manuel (Miranda)", conta John Leguizamo, ator que dubla Bruno, um misterioso, mas importante personagem da história. "A principal mensagem do filme é que, mesmo você não se sentindo especial, querido ou achando que não tem um dom, você vai encontrar em que você é bom, todos são importantes na família", explica o artista ao **Correio**.

Leguizamo tem um extenso trabalho em Hollywood, onde fez papéis em *Romeu+Julieta* (1996), *De volta para o jogo* e *Chef* (feitos em 2014), mas foi nas animações que ele obteve mais notoriedade, dando voz a Sid de *Era do gelo*. Ele acredita que de quando começou até os dias de hoje, muito melhorou. "A animação evoluiu muito, eu comecei em 2000 com *Era do gelo*, quando o cabelo nem movia e a pele parecia plástico em animações. Agora chegamos num ponto em que está tudo muito detalhado e complexo, parece real", reflete.

Contudo, por mais que todos os aspectos técnicos sejam levados em conta, o ator vê a potência desse filme na representatividade. "A mensagem subliminar é que quando você vê todas as cores, os tons de pele do filme e as texturas de cabelo, você entende que todos nós somos bonitos, estamos todos incluídos e somos todos importantes. Isso é imprescindível, porque as crianças que vão sair do cinema sabem que elas têm relevância", pontua o dublador, que se lembra do próprio passado. "Quando assisti *A Chorus Line* (1985) com uma atriz porto-riquenha chamada Yamil Borges, que tinha músicas e era protagonista, foi uma mensagem para mim de que eu poderia me tornar ator. Isso foi muito importante e eu espero que *Encanto* possa passar o mesmo sentimento para todas as crianças latinas que assistirem", completa.

Disney/Divulgação

Encanto **é uma aposta da Disney na autenticidade das tradições em família**

CRÍTICA // CASA GUCCI ★★★

Universal/Divulgação

Lady Gaga domina quase todas as cenas de *Casa Gucci*

ESTILO E SARCASMO

» RICARDO DAEHN

É quase uma sitcom o mais novo longa do diretor inglês Ridley Scott, que, aos 84 anos, se mantém em plena atividade. Baseado em livro de Sara Gay Forden, o filme Casa Gucci *teria desenho de drama pesado, uma vez que a trama é extraída da realidade em que vinganças e até assassinato sedimentam a passarela para o desfilar da crueldade por trás do mundo da moda. Esqueça o teor informativo do filme* O império de Pierre Cardim, *o colorido da trama de* Yves Saint Laurent *e o rigor do belo* Coco Chanel & Igor Stravinsky, *filmes alavancados pela moda.* Casa Gucci *traz uma disposição sarcástica de Ridley Scott em verter para cartoon e caricaturas as personagens nutridas a astúcia e excentricidades.*

Adam Driver, na pele de Maurizzio Gucci, personifica o tolo e paspalho herdeiro de uma empresa que reluz a soberania dos remanescentes irmãos Rodolfo (Jeremy Irons) e Aldo Gucci (Al Pacino). Pacino brilha, ao dar vida ao bon vivant, galhofeiro e ricaço que comporta a aura do ator sempre associado à saga de O poderoso chefão. *Maurizio terá a vida entrecortada pela raposa vulgar Patrizia (Lady Gaga), clara alpinista social que se diz "muito sociável". Com a gramatura das notícias de tabloide será costurado um escândalo que embala a empreendera família, desenhada, no filme, com a heresia de se comparar ao Vaticano e até entrar como trindade da execução do sinal da cruz (ao lado "do Pai e do Filho").*

Os excessos comportamentais que aproximam o clã Gucci estão bem canalizados na lunática figura de Paolo (Jared Leto), uma espécie de expurgo da fábrica de estilo fundada nas relações familiares. Sempre versátil, com filmografia estabelecida no desenvolvimento de histórias futuristas, bélicas e policiais, além da investida em fitas de época, Ridley Scott se sobressaiu no drama da cinebiografia Todo o dinheiro do mundo *(2017), distante do resultado de* Casa Gucci.

O chique ostentado pela disputa de "coroas ou terras", em certas castas e dinastias, como bem descreve uma das personagens, no caso dos Gucci, é trocado pela disputa "pela própria pele" — o negócio de família estará, portanto, ameaçado por enxertos no clã como Patrizia. Curiosamente, ao falar de poder, rede de falsificação e conquistas de mercado, Casa Gucci *rende boas oportunidades para coadjuvantes, caso de Salma Hayek, que assume Pina, vidente adotada como guru por Patrizia, e Domenico (Jack Huston), um advogado onisciente.*

Outro grande acerto do filme de Ridley está na escolha de músicas da estatura de Baby, can I hold you?, Faith *(calibrando irônica cena na igreja) e ainda dançantes peças de Eurythmics e Donna Summer, tudo mesclado a trechos de ópera. Ainda no imaginário musical, a estatura cênica de Lady Gaga (atriz de ponta em* Nasce uma estrela*) não se comprova com uma personagem plana e dona de enorme semelhança (física) com Marisa Tomei. Por fim, em* Casa Gucci *fica frustrada a perspectiva do retrato de uma moda que habite corredores de altos museus (como aspiraram os Gucci) ou dos encorpados dramas de cinema: na tela, a jornada do espectador tende mesmo ao entretenimento espalhafatoso e ganha a cara do arremedo dos artigos de feira vendidos a preços bastante acessíveis.*

CRÍTICA // DESERTO PARTICULAR ★★★

UM BECO AMOROSO

Deserto particular é a aposta do Brasil para o Oscar 2022

Pandora Filmes/Divulgação

"Não tem mulher lá no Sul, não?" é a pergunta feita por Fernando (Thomas Aquino), ao tentar entender o deslocamento físico e a obsessão de Daniel (Antonio Saboia) pela mulher que o faz atravessar metade do Brasil, rumo ao Nordeste, em busca de aquietar um forte sentimento. Deserto particular, de Aly Muritiba, o pré-candidato nacional à seleção no Oscar 2022, chega aos cinemas brasileiros tratando de um encontro sentimental e de autoaceitação.

Um braço quebrado em Daniel — que o impede da plenitude dos movimentos — torna-se simbólico, num processo de libertação iniciado com uma jornada física e emocional. Homem não chora e pouco sente parecem conceitos atrelados ao cotidiano de Daniel, um policial em crise profissional, quando deixa Curitiba. A relação com Sara, sempre intermediada pelo universo virtual, tem preponderância na tentativa dele ver reorganizado um cotidiano violento que embaça sua felicidade.

Vivendo um pai calado (em decorrência de doença), o ator Lutero Almeida consegue trazer pistas do que sufoca Daniel: cheio de zelo na relação com o pai, o policial compartilha de valores rígidos e que norteiam, em parte, o contato dele com a irmã Deb (Cynthia Senek), um vetor para que Daniel expurgue preconceitos. No roteiro do filme, desenvolvido por Henrique dos Santos e o diretor Aly, com o personagem Robson, o ator Pedro Fasanaro encontra espaço para discutir pertencimento e independência, ao encenar a rotina de um feirante dono do singelo sonho da felicidade. Junto com o coadjuvante Fernando, Robson terá vital na trama de Deserto particular.

Há uma premissa pouco convincente no filme, mas ela se ajusta (e ganha maior sentido), quando o espectador se dá conta da fragilidade momentânea de Daniel, que responde, na corporação, pelas consequências de um ato violento. Como nos anteriores Ferrugem e Para minha amada morta (longas assinados Aly), com Deserto particular, *ele parece determinado a extirpar discriminações e salientar a importância da memória e do prazer de se compartilhar a vida. De quebra, ainda traz reconsiderações para assentadas raízes de fundo religioso.* **(RD)**